

O corpo e a casa, relações entre a fragilidade e a verticalidade em poéticas visuais

MAINÔ CLAUDIO CAETANO¹; MARTHA GOMES DE FREITAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – mainoclaudiocaetano@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marthagofre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A vigente reflexão constitui parte de minha investigação dentro do campo das artes visuais, desenvolvida em conjunto ao projeto de pesquisa *Estudo sobre a Profundidade* coordenado pela Profa Dra. Martha Gomes de Freitas, no qual fui contemplada pela bolsa de iniciação científica PROBIC/FAPERGS durante o período de setembro de 2023 a setembro de 2024. No decorrer deste texto, serão apresentados dois trabalhos que exploram relações entre a estrutura da casa e a do corpo, por onde estabeleço a coluna, tanto arquitetônica quanto vertebral, como disparador poético para pensar a fragilidade e a verticalidade como qualidades desafiadas em função de escolhas materiais. Desse modo, tendo minha produção como base, este resumo organiza-se com o intuito de refletir acerca de estruturas em situação de instabilidade. Para desenvolver minhas reflexões, baseio-me na compreensão da fragilidade elaborada pelo filósofo Jean-Louis Chrétien, que aproximo da ideia de armadilha da poeta brasileira Ana Martins Marques (2011). Intencionando promover um diálogo acerca da verticalidade, recorro aos filósofos franceses Gaston Bachelard (1993) e Michel Serres (2011) como embasamento teórico de minhas afirmações.

2. METODOLOGIA

Para iniciar este resumo, escolho estabelecer um entendimento do termo fragilidade a partir do pensamento de Jean-Louis Chrétien, filósofo francês, que salienta a fragilidade não apenas como uma falta ou fraqueza, mas também uma condição de possibilidade¹ (Bloehl, 2023). Desse modo, para além de sua definição por sinônimos como delicadeza e precariedade, penso a condição frágil das coisas como uma situação de estabilidade relativa, uma constante probabilidade ou expectativa de ruína. Reconheço, nesse sentido, na fragilidade uma qualidade de armadilha que apresento através do poema de Ana Martins Marques: “A linguagem / sem cessar / arma / armadilhas // O amor / sem cessar / arma / armadilhas // Resta saber / se as armadilhas / são as mesmas // Mas como sabê-lo / se somos nós / as presas?” (Marques, 2011, pg. 31). A poeta, em seu livro *Da arte das armadilhas*, apresenta uma distinta compreensão deste termo, que por sua vez deixa de ser entendido apenas como mecanismo que fere e passa a também ser momento de tensão, uma possibilidade que embosca nossos sentidos. Armadilhas podem ser tramadas por diferentes condições, mas como invariável a escritora apresenta a ideia de nós mesmos como presas, direcionando a armação para um corpo que fica sujeito a instabilidade, a fragilidade em sua forma de possibilidade aberta, arma armadilhas.

Tomo como ponto de partida o trabalho denominado *Coluna* (imagem 1). Nessa obra, baseio-me na configuração de uma caixa-torácica e no esquema

¹ Tradução pessoal.

simples de uma casa, nas suas vigas e pilares, para compor uma estrutura feita a partir das dimensões de meu torso, buscando um encaixe quando o objeto está sobre o corpo. Para a sua construção, foi utilizada uma madeira úmida, afetada pelo mofo e carcomida por cupins que ainda a habitavam quando a encontrei. Além disso, unindo os diferentes segmentos do material fragilizado, foram empregados porcas e parafusos, possibilitando uma certa mobilidade entre as partes.



Imagem 1. *Coluna*, 2023. Escultura, madeira carcomida por cupins, arame, parafusos e porcas, 25 x 40 x 33 cm. (Vista lateral, de costas e frontal)

Prosseguindo a investigação acerca do diálogo entre a estrutura do corpo e a da casa, elaboro a série *Sobre o âmagô* (imagem 2), onde parto novamente de um interesse por aquilo que é ou encontra-se fragilizado, estabelecendo gravetos como a materialidade constituinte das peças. No trabalho apresentado utilizo a linha para unir os pequeninos galhos construindo em diferentes dimensões, mas em escala diminuta, esqueletos de casinhas que disponho por debaixo de uma blusa de nylon, posicionando as construções, uma atrás da outra, sobre a minha coluna.



Imagem 2. Série *Sobre o âmagô*, 2024. Escultura para o corpo, segunda pele, gravetos e linha de costura, 30 x 15 x 18 cm. (Vista das costas, lateral do corpo e detalhe)

A escolha da segunda pele se deu por sua materialidade que me interessa pelas propriedades de cor e transparência, por ser um espaço entre meios, assim como a própria pele e as paredes da casa, que permite uma espécie de fusão ou unidade entre o corpo, a coluna e as pequenas peças. Em minhas produções a referência a casa vem relacionada a estrutura do corpo, muitas dessas estruturas tem como funcionalidade biológica a proteção e a sustentação (pele, caixa torácica e coluna). Esses aspectos diriam em uma primeira instância, de uma

relação de preservação e amparo relativo ao corpo, porém, na forma como utilizo tais noções, ligadas às qualidades materiais e de configuração em meus trabalhos, eles dizem muito mais de uma fragilidade que pode estar contida nessa proteção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre o primeiro trabalho e o segundo, identifiquei diferentes maneiras de lidar com questões referentes à verticalidade e à fragilidade. Ao passo que em *Coluna* iniciei uma pesquisa que questiona o corpo enquanto estrutura, por meio de materiais encontrados, fragilizados pelo tempo, na série *Sobre o âmagô* parto de materiais delicados em sua constituição para discutir o corpo em associação com a casa em seu esquema formal básico. A propriedade vulnerável da madeira carcomida e dos gravetos compõem construções que deveriam revestir e proteger, mas que acabam revelando uma situação de fragilização - o que opõe as expectativas de sustentação que a coluna e os ossos dão ao corpo, bem como, de resistência e proteção própria à casa.

Assumindo uma relação entre a casa e o corpo, pontuo a verticalidade como elo de discussão entre as estruturas. De acordo com Gaston Bachelard em seu livro *A poética do espaço*, “a casa é imaginada como um ser vertical” ao se elevar, ela se diferencia, sendo “um dos apelos à nossa consciência de verticalidade” (Bachelard, 1993, pg. 36). O posicionamento vertical da forma humana pode ser compreendido como uma ordenação que requer constante busca por equilíbrio e cuidado. Nas palavras de Michel Serres, sobre a constituição humana, “ao erguer-se o lado frágil se expõe”² (Serres, 2004, pg. 20), assim, o posicionamento ereto da coluna coloca o corpo em relação ao espaço, uma situação de exposição que pode ser entendida como vulnerável. Aquilo que encontra-se junto ao chão, orientado pela horizontalidade, ao ser abalado não sofre grandes danos comparado ao que se pauta na verticalidade, que expondo-se abertamente, torna-se um alvo que quando é afetado rui, desestabilizando toda a estrutura. Assim a coluna, ao permitir a verticalidade do corpo, ambigualmente traz uma fragilidade ao mesmo. Ao correlacionar a delicadeza paradoxal deste elemento corporal ao elemento estrutural da casa, procuro estabelecer a verticalidade como disparador de uma leitura da espacialidade do corpo-casa a partir da fragilização, da compreensão de uma instabilidade das estruturas, reconheço nesta relação uma espécie de armadilha. Tal como nas palavras de Martins Marques, somos as presas.

Voltando aos meus trabalhos percebo a verticalidade enquanto qualidade que pode promover o desequilíbrio de uma sustentação, sendo reforçada pela disposição das estruturas sobre o corpo em conjunto com a materialidade definida, resultando em um estímulo à inconstância, no sutil abalo da estrutura corporal.

4. CONCLUSÕES

Neste resumo, apresento uma reflexão acerca de relações entre fragilidade e verticalidade desenvolvidas em uma pesquisa prático-teórica a partir de associações entre os dois trabalhos apresentados, *Coluna* e *Sobre o âmagô*. Para compreendê-las dentro da visualidade da produção e de seu sentido, precisei

² Tradução pessoal.

recorrer à poesia, à ideia de armadilha. Pensar a partir da profundidade sobre o que se encontra dentro e o que não está. O corpo e a casa, a casa e o corpo, estruturas que requerem a sustentação como uma qualidade plena, aqui, são exploradas em sua capacidade de fragilização. Isto porque a verticalidade lhes põe em risco de fato, através dos materiais quase insustentáveis, ou ainda discute essa possibilidade, ao associar a coluna vertebral ao ponto de sustentação de um conjunto de pequenas peças em formato de casas. A coluna que verticaliza o corpo, nas fotos apresenta uma modificação radical. Não só, suas vértebras poeticamente ganharam outra configuração, como esta escolha diz daquilo que dá suporte ao sujeito. Sua casa como sua coluna - aquilo que o põe de pé, sua base afetiva. Entendo essa situação dupla de vulnerabilidade como uma potencial armadilha para as certezas. Em uma direção mais formal e material, analiso que *Coluna* não apresenta uma forma direta da casa, mas compreendo que o ambiente doméstico se faz presente pela estrutura de madeira, uma espécie de ossatura que através de seu material estrutural, guardadas as proporções, remete também a uma armadilha. Pensando na forma de mecanismos de emboscada, percebo a semelhança das casinhas de graveto com arapucas, instrumento de captura de pequenos pássaros geralmente feita a partir de pequenos galhos. Assim, retomo a condição de possibilidade, de Chrétien para explorar uma outra percepção acerca do que nos dá forma e sustentação, circunstâncias que fragilizam, desestabilizam e apreendem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. **A Poética Do Espaço**; Tradução: Antonio de Pádua Danesi; revisão da tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1993.

BLOECHL, Jeffrey (Ed.). **Fragility and Transcendence: Essays on the Thought of Jean-Louis Chrétien**. London: Rowman & Littlefield, 2023.

MARQUES, A.M. **Da arte das armadilhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SERRES, M. **Variations of the Body**. Tradução: Randolph Burks. Minneapolis: Univocal, 2011.